

**MCLUHAN E A ESTÉTICA DA CONVERGÊNCIA:
APROXIMAÇÕES, DEBATES E NOVAS POSSIBILIDADES
COMUNICACIONAIS**

Pablo O. V. Abreu¹

Resumo:

A partir da visão metafórica dos meios denotada por McLuhan, esta apresentação traz proposições acerca de uma possível estética da convergência, ressaltando o caráter tátil, visual, acústico e gustativo da rede. Propõe ainda a análise desse meio mediante as tétrades mcluhianas (ampliações, obsolescências, recuperações e reversões) como forma de esclarecimento para o conceito de ambiência por ele sugerido. Utiliza, enfim, essas ideias para discutir conjunturas da Comunicação na contemporaneidade.

Palavras-chave: Comunicação. Estética. Convergência. McLuhan. Extensões.

Introdução

Para McLuhan (1911 – 1980), pensar o/sobre meio significa buscar um descortino capaz de, mediante as suas características, propostas, preceitos, prerrogativas, enfim, qualquer tipo de articulação sobre o entendimento e o saber, suspender o complexo social e psíquico em jogo num dado momento. Utilizando-se das chamadas “*probes*”², o meio na obra do autor canadense é metafórico, paradoxal, investigativo e suscita questões que, mais do que respostas, almejam alçar novas alternativas para o conhecimento.

Este trabalho parte dessas considerações, com o objetivo de prolongar as ideias de McLuhan junto à estética da convergência de mídias, incluindo, portanto, como cenário de abordagem a noção de Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999), Cibercultura e

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: abreu.pablo@hotmail.com.

² Modo particular de abordagem de McLuhan, sondagens que visavam não tanto a explicação, mas a exploração – marca de um pensador indagativo que dizia “*I don’t explain, I explore*”² (TRINTA, 2012, p. 43).

Ciberespaço (LÉVY, 2010), Cultura da Participação (SHIRKY, 2011), Cultura da Convergência (JENKINS, 2009) e artes do pós-humano (SANTAELLA, 2007). O intento é estudar a ambiência sensorial que se forma com os avanços tecnológicos, bem como suas implicações quanto a percepção e experiência, pensando também os prováveis reflexos desse conjunto no campo comunicacional.

A hipótese é a de que a tecnologia tem aguçado um ambiente de múltiplas possibilidades sensoriais e de não linearidade, flexibilidade, descontínuos e descentralidade. Com isso, se tomado metaforicamente, o meio tem indicado uma abertura a possibilidades e trânsitos, além de alterar várias concepções, como as erigidas em torno da ciência, dos saberes, humanidade, entre outras. Tudo isso traz a necessidade de repensar a Comunicação, a fim de que seu modo de análise consiga abarcar e lidar com todas essas questões.

Para tanto, este trabalho articula as ideias de McLuhan à convergência midiática e cultural e às características pós-modernas, buscando possíveis relações que contribuam para um pensamento contemporâneo sobre a tecnologia, o homem, a comunicação e o meio.

Estética da convergência

Com propostas que perpassam o conteúdo e os discursos imediatos, o meio torna-se na perspectiva de McLuhan um agente de possibilidades latentes: “todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a experiência em novas formas (MCLUHAN, 1964, p. 41). E meio aqui são extensões³, quaisquer artefatos, que uma vez surgidos,

³ “It makes no difference whatever whether one considers as artefacts or as media things of a tangible 'hardware' nature such as bowls and clubs or forks and spoons, or tools and devices and engines, railways, spacecraft, radios, computers, and soon, or things of a 'software' nature such as theories or laws of science, philosophical systems, remedies or even the diseases in medicine, forms or styles in painting or poetry or drama or music, and so on. All are equally artefacts, all equally human, all equally susceptible to analysis” (MCLUHAN, 1988, p. 5).

“afetam todo o complexo psíquico e social” (1964, p. 8) e reconfiguram os significados convencionais, os modos de percepção e os sentidos (ibid., p. 17).

Como extensões, as tecnologias têm o condão de prolongar, intensificar ou ampliar um órgão, sentidos ou função. Desse modo, diz McLuhan (1964), por exemplo, que o vestuário é uma extensão da pele; a roda, uma extensão do pé; e a escrita, uma extensão do olho. Da mesma forma as mídias, do alfabeto ao computador, são extensões, pois causam mudanças e transformações profundas no seu ambiente. Ao desempenhar essas ações, cada extensão promove um determinado sentido elementar em detrimento dos demais, que precisam de ser reorganizados.

As pessoas, ao ter uma função ampliada pela tecnologia, agem como verdadeiros artistas. *“Everyman today is in this sense an artist - the administrator, the scientist, the doctor, as well as the man who uses paint or sculpts stone”* (MCLUHAN, 1988, p. 103). Diante disso, e da forte presença da sensorialidade na interseção com os prolongamentos dos meios, torna-se interessante analisar as extensões pelo viés estético⁴, e mais do que isso, verificar as ressonâncias dessas relações na contemporaneidade.

Se, antes, as extensões aguçavam um sentido em especial – como propõe McLuhan (1964), a TV seria tátil; a escrita, visual; e a era tribal, auditiva – com a ambiência formada na/pela chamada estrutura em rede (CASTELLS, 1999) e convergência cultural e midiática (JENKINS, 2009), podemos estar diante de um fenômeno de múltiplas sensorialidades.

Muito se fala hoje sobre convergência, termo teoricamente destacado por Henry Jenkins (2009), e que resumidamente comporta três conceitos basilares: transmídia, inteligência coletiva e cultura participativa. O primeiro refere-se à transposição entre mídias e, com isso, a formatos, linguagens e narrativas, o que desconstrói a ideia do paradigma

⁴ Por estética entende-se o que é da ordem dos sentidos: do grego *“aisthesis”* (sentir). A estética “está voltada para o potencial que os dispositivos tecnológicos apresentam para a criação de efeitos estéticos, quer dizer, efeitos capazes de acionar a rede de percepções sensíveis do receptor, regenerando e tornando mais sutil seu poder de apreensão das qualidades daquilo que se apresenta aos sentidos” (SANTAELLA, 2007, p. 255).

anterior, no qual cada avanço técnico previa uma substituição de mídias. “O emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de forma cada vez mais complexas” (JENKINS, 2009; p. 32). O segundo termo, inteligência coletiva, alça um modelo comunicacional “todos-todos” (LÉVY, 2010) – em detrimento do anterior, “um-todos” - pois descentraliza o poder que antes separava produção e consumo. Instaura um ambiente que denota “a expertise combinada de seus membros” (JENKINS, 2009, p. 56). E o terceiro conceito, cultura participativa, é afim às ideias de compartilhamento organizado de Shirky (2011) – haja visto o fenômeno das redes sociais, da interação e produção de informações e do entretenimento - e de “agência” de Murray (2003), que é resumido pela “capacidade gratificante de realizar ações significantes e ver os resultados de nossas decisões e escolhas” (MURRAY, 2003, p. 127).

Diante disso, que implicações as noções de convergência têm para com a estética, a partir da visão de McLuhan? A suspeita aqui é de que a contemporaneidade tem suspenso a possibilidade estética de múltiplas sensorialidades. Supomos, com isso, que o meio agora não estende um único sentido, mas sim vários, o que nos leva a proposição de que a rede é metaforicamente ao mesmo tempo tátil, visual, auditiva e gustativa. Vale ressaltar que, quando dizemos que ela suspende, está implícito que não se trata de uma norma, algo imutável ou inquestionável. Trata-se de uma possibilidade, imediatamente carente de pelo menos duas situações básicas: o acesso à tecnologia que permita tal feito e a própria percepção e vontade das pessoas em seu uso.

O meio é tátil porque, assim como a TV, tem como função aproximar, trazer o globo para o palpável. Pelo toque, cada vez mais, escolhemos um mundo a dedo. Isso é evidente nos aparatos tecnológicos (mouse, teclado, *click*, controles remotos) e fica cada vez mais claro com as telas “*touch*” e com os tamanhos reduzidos dos *gadgets*, permitindo um certo acesso ao mundo na proximidade das mãos.

Ele é visual, pois além de comportar a escrita, ainda mantém a imagem como uma de suas linguagens preponderantes, conservando com ela o olhar (do) imaginário – uma

grande ação visual de nossa espécie –, e mais do isso, o olhar para além do imaginário. Com este, torna-se mais evidente à percepção o olhar da captura mimética que nossas próprias acepções imprimem no outro (nas pessoas, no mundo, nos artefatos e nas imagens), de maneira tal que quando se olha para fora (objeto), olha-se também para dentro (sujeito). O visual revela, então, tanto a imagem mais íntima de nossas impressões construídas, quanto a sua própria desconstrução.

Ele é sonoro ao permitir um espaço para as diversas vozes, em que pode ressoar ideias, histórias, entretenimentos, economia, política, cultura, enfim, gama diversificada de informações e símbolos que seus participantes se dispuserem a construir. Resgata a oralidade e audibilidade - ainda que de formas outras às da era pré-literária⁵ - e com ela o espaço acústico, sua íntima emotividade e a ausência de fronteiras e de direções pré-determinadas.

Esse meio traz ainda, metaforicamente, o sentido do paladar, pois ao tornar cada membro um nó da rede, um participante em potencial, permite ao usuário degustar experiências (experimentar), “brincar” com a sensibilidade e “provar” novas formas de percepção, ação, criação e interação. É o que acontece, por exemplo, com o caso de alguns *games*, das realidades virtuais ou dos ambientes imersivos, onde o percurso é construído em meio as possibilidades de caminhos que o sistema oferece ao usuário escolher. Este fica à mercê dessas possibilidades ofertadas e pode brincar com o “ser” (avatars, vidas virtuais, múltiplas identidade e personas), com a relação entre sujeito e objeto, entre figura e fundo, desvelando o desprendimento, ainda que pouco, dos posicionamentos estacionários a que está sujeita a ideia do “eu”.

⁵ Pode-se identificar em McLuhan (1964) três grandes eras: Pré-literária ou Tribal (predomínio da oralidade e a audibilidade; espaço acústico); Era do Tipo Móvel (marcada pelo visual; percepção em torno de um mundo com margens, bordas, fronteiras) e Era da Eletrônica (tátil, elétrica e informacional).

Com tais possibilidades de reorganização dos sentidos, alteram-se a percepção e a ambiência criada pelo meio, mudanças que refletem significativamente no seu caráter metafórico, como será proposto a seguir.

Tétrades e contemporaneidade

Como toda metáfora exige uma a(com)preensão para se apresentar como uma outra possibilidade de significação, não é difícil supor que as ideias em torno dos meios, artefatos ou tecnologias sejam imediatamente decodificadas como tal. Isso, na obra de McLuhan, aparece junto às propostas de analisar um meio com olhos no espelho do retrovisor – “*rearview-mirror view of their world*” (MCLUHAN, 1969, s/n) - e do “entorpecimento” relacionado a uma dada extensão (MCLUHAN, 1964).

Como ilustração para essa questão, está o convite feito pelo autor na introdução do seu livro *The Mechanical Bride* (1951), para refletir sobre “*A Descent into the Maelström*” (1841), conto de Edgar Allan Poe. Nessa estória dois marinheiros deparam-se com um grande vórtice, que começa a tragar seu barco e vários outros objetos para o fundo do mar. Logo um dos marinheiros é sugado. O outro, diante da alucinante situação, percebe que algumas peças agem, no vórtice, de forma diferente, emergindo em vez de afundar. Assim, ao compreender o funcionamento desse mecanismo, ele se salva do afogamento.

O que essa passagem ilumina – como faz a luz elétrica – é o momento de esclarecimento (*awareness*) e de compreensão (*understanding*) do marinheiro, transposta aqui para a percepção metafórica do meio - ter um *insight*; reconhecer a ambiência⁶ - como modo de estar atento ao caos causado por extensões e sensorialidades emergentes. Trata-se de uma tentativa de abandonar o efeito anestésico do meio, sustentados por duas principais

⁶ O que traduzimos aqui por ambiência (*environment*) é um termo recorrente na obra de McLuhan, para quem cada extensão tende a criar uma nova espécie de ambiência que é percebida, mas por forçar uma imersão, fica invisível a olhos menos atentos. “*The ground of any technology or artefact is both the situation that gives rise to it and the whole environment (medium) of services and disservices that it brings into play. These environmental side-effects impose themselves willy-nilly as a new form of culture. The medium is the message*” (MCLUHAN, 1988, p. 5).

causas. Uma diz respeito à ampliação sensória. “A seleção de um único sentido para estimulação intensa, ou, em tecnologia, de um único sentido “amputado”, prolongado ou isolado, é a razão parcial do efeito de entorpecimento que a tecnologia como tal exerce sobre seus produtores e consumidores” (MCLUHAN, 1964, p. 62). A outra refere-se ao próprio conteúdo, que segundo o autor, é transposto do meio anterior e vem “para distrair o cão de guarda da mente” (ibid., p. 33): “[...] não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio” (ibid., p. 23).

Isso significa que a compreensão das extensões em sua amplitude de significados é raramente percebida. As ações geralmente miram no passado – com seus conceitos, características e ideias – e no entorpecimento para projetar as atividades presentes e futuras. Isso implica não acompanhar sequer o atual, o que dificulta bastante qualquer prospecção em torno do saber e do conhecimento que almeja ser contemporâneo de si mesmo.

Para tentar escapar deste entorpecimento e responder à indagação sobre a metáfora suscitada pelas extensões desse ambiente em rede, utilizaremos, então, a ideia das tétrades de McLuhan, publicada em sua obra póstuma, *Laws of Media: The New Science* (1988). As tétrades promovem quatro características básicas, introduzindo nova configuração no pensamento até então desenvolvido por McLuhan. Elas são elaboradas como um conjunto de questões e são indicativas, como alerta McLuhan (ibid., p. 99), de um processo não sequencial, mas sim de quatro observações simultâneas. Devem ser verificadas, portanto, em seu caráter complementar.

*What does it enhance or intensify?
What does it render obsolete or displace?
What does it retrieve that was previously obsolesced?
What does it produce or become when pressed to an extreme?*
(MCLUHAN, 1988, p. 7)

Ao serem analisados “*in tetrad form, the artefact is seen to be not neutral or passive, but an active logos or utterance of the human mind or body that transforms the*

user and his ground’ (MCLUHAN, 1988, p. 99). Portanto, buscaremos aqui apresentar uma análise da tecnologia em rede mediante essas quatro questões, para os fins propostos a este trabalho.

What does it enhance or intensify? A rede projeta cada vez mais nossa consciência para fora do corpo – fenômeno já observado na era elétrica -, amplia o universo dos signos e significados e intensifica o trânsito entre culturas, regionalidades, identidades e especificidades antes mais fragmentadas. Potencializa o abraço global, burlando as fronteiras geográficas e seus limites representacionais. Ela altera também a noção de espaço e tempo, de modo que é possível – ainda que virtualmente – estar ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum, o que, metaforicamente, introduz modificações na noção de posição/lugar que ocupa o homem, o humano, a noção de “ser” (aquilo que a gente pensa que é) e de “saber” (aquilo que a gente pensa que sabe).

What does it render obsolete or displace? A rede torna obsoleto a concepção de fronteira, até então presente não só nos níveis geográficos, mas também culturais, científicos, simbólicos e sociais. Destrona, com isso, a linearidade, a verticalidade, a hierarquia em torno do verbo “poder”, as questões corporais, enfim, todo um complexo pensamento historicamente construído em torno de barreiras, divisões e definições bem delineadas. Revela, por exemplo, o derretimento das demarcações entre natural/artificial, físico/não físico, humano/máquina ou homem/mulher.

What does it retrieve that was previously obsolesced? A rede recupera vários dos sentidos anteriores, tomados como possibilidades num ambiente de múltiplas sensorialidades. Permite que esses sentidos sejam interfaceados tecnologicamente ao “gosto do freguês”. Se na era elétrica – com a TV, por exemplo – havia a prevalência de um prazer relacionado com o tato (contato), há agora diferentes formas de gozar os sentidos (conexões), de maneira tal que o próprio “sentir” pode estar sendo resignificado atualmente. E, ao tornar obsoleta a fronteira, traz à tona a flexibilidade, o fluxo, o trânsito, o questionamento, a incerteza, o imaginário e a criatividade.

What does it produce or become when pressed to an extreme? Ela reverte a própria noção que se tem do “humano” e do “ser”, revelando a fluidez desses conceitos, pois revela a natureza artificial de nossa espécie, cercada por artifícios e artefatos (próteses, linguagens, tecnologias, arte etc). Coloca como questão: quem é “eu”? E desmascara a fluidez discursiva que sustenta a posição do que chamamos de “ser” e, com ele, nossos desejos íntimos e libidinais. Realça a condição virtual, não apenas aquela referente aos momentos em que estamos imersos no ciberespaço, mas também a virtualidade que marca as noções simultâneas de presença e ausência, a operação por meio de signos, as representações e jogos de símbolos que cercam nossa vida. Derruba, mais uma vez, o homem do seu trono narciso - que pensava ser a imagem de uma espécie elevada - ao mostrar a vivacidade das tecnologias.

Antes de mais, vale ressaltar que essa breve análise não elimina outros exames, críticas e apreciações, incluindo o desenvolvimento dessas mesmas ideias aqui sintetizadas. Ao formular as tétrades como questões e os meios como metáforas, McLuhan deixa em aberto, novamente, as “*probes*” e seu caráter exploratório, já que o número de respostas pode ser consideravelmente grande, além de poder variar se essa análise for realizada, por exemplo, com uma de suas interfaces específicas.

Para ampliar esse pensamento, é interessante notar também a coincidência de algumas questões acima apresentadas por meio das tétrades com as ideias desenvolvidas a partir do final do século XX, época representativa da transição de significados, de rupturas e viradas histórico sociais. No geral, apontam para flexibilidade, quebras de consenso e de fronteiras, fluxos e transformações dos campos do saber e da sensibilidade que refletem diretamente nos modos de pensar, agir e sentir do homem.

Resumidamente, elas apresentam: (a) um destaque para a “volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas” (HARVEY, 1994, p. 258); (b) uma metáfora da liquidez, fluidez e maleabilidade junto às questões sociais e simbólicas, de modo que passa-

se de “uma era de grupos de referência predeterminados a uma outra de comparação universal, em que o destino [...] não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo” (BAUMAN, 2001, p. 14); (c) uma crise das narrativas culturais legitimadoras e unificadoras da era moderna, marcadas na sequência por um sentido de instabilidade, não concordância e jogos de linguagem (LYOTARD, 1993) e (d) a ausência de identidades fixas (HALL, 2006).

Com tudo até aqui exposto, chegamos então a conclusão de que é preciso repensar a Comunicação frente às características do meio e do seu caráter metafórico.

Por uma Comunicação contemporânea

“*Mind your media men!*”⁷, era a advertência de McLuhan ao realçar a importância de compreensão da ambiência em que estamos imersos. Necessitamos tirar os olhos do espelho retrovisor e despertar da sensação de anestesia e do entorpecimento provocados pelos meios. E diante de tudo isso – dessa tarefa nada fácil – (re)pensar a Comunicação, suas propostas, definições, necessidades, possibilidades e potencialidades. Essa é a consideração final que este trabalho busca evidenciar.

Se o mundo hoje apresenta outras propostas, por que deveria a Comunicação, em seus diversos estudos e vertentes, continuar embasada – e, quem sabe, embaçada – pelos preceitos de outrora? O meio já nos apresentou suas metáforas e características: quebra de fronteiras, flexibilidade, fluxos, trânsitos, alterações no campo do “saber” e do “ser”, liquidez de antigas referências, posições não estanques, múltiplas identidades etc. Cabe, então, esforços para que essas prerrogativas se concatenem na formulação teórica da comunicação contemporânea, que aqui sugerimos ser uma comunicação sem fronteiras. O que se quer enfatizar com isso, é uma ultrapassagem das definições estacionárias e

⁷ Frase de McLuhan apresentada por A. R. Trinta (2012, p. 44).

enviesadas referentes a contornos sociais, culturais e simbólicos, que ao longo da história têm norteado a primazia dos estudos comunicacionais. Se o meio coloca em questão o próprio humano, sua capacidade, sua corporeidade e sua compreensão, torna-se necessário pensar no estigma de todas essas instâncias para quaisquer formas de entendimento pretendidas acerca dos processos comunicacionais do século XXI. Sem fronteiras significa, portanto, sem amarras demasiadas que impliquem em recortes e limites ao pensamento. Significa incluir como eminente a estes estudos: a imaginação, a incerteza, os deslocamentos, a possibilidade de haver sempre uma outra possibilidade (mesmo diante da novidade da vez), os artefatos, as metáforas e a suspensão das articulações que envolve os conceitos, sentidos, significados, temas e objetos.

Isso acaba por nos remeter também à questão dos próprios modelos científicos, com berço positivista e, portanto, metódicos, empiristas e testáveis. Moldes de uma ciência dura, natural e lógica, muito útil a alguns campos do saber, mas que não abarca o potencial que se pode ter quando tratamos, por exemplo, da Comunicação. Esta, que epistemologicamente é protagonista de calorosos debates – ressaltando ora sua preliminar transdisciplinaridade, ora a necessidade de uma política unicamente comunicacional – mostra-se à vontade no terreno contemporâneo, pois sempre esteve sujeita a diferentes e envolventes cruzamentos entre o homem, o social, a natureza, a tecnologia, a ciência, o saber e o conhecimento em suas múltiplas formas.

E para que o seu potencial seja explorado, faz-se necessária a proposição de uma Comunicação que acompanhe, por exemplo, as metaforizações hoje encontradas neste domínio, para que não sejamos simplesmente especialistas no passado. A suposição que se abre aqui com essas ideias, favorecem uma fuga aos lugares de alienação criados pela cultura e pela imersão cega à ambiência.

Para finalizar, vale ainda dizer que as análises aqui desenvolvidas instigam mais a reflexão e a indagação do que a conclusão de uma pesquisa ou pensamento. Elas são afins de sempre novas questões e explorações, já que o conhecimento não se esgota. E são

também sínteses – ou serão próteses? – que podem ser desdobradas e analisadas com mais minúcia e dedicação, algo tem sido realizado junto à pesquisa de mestrado em andamento.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11^a edição. Rio de Janeiro: DP&a, 2006.
- HARVEY, David [1989]. **A compreensão do tempo-espaço e a condição pós-moderna**. Páginas 257-276. In: A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural. 4^a ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 4^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, ed. 2, 2009.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, ed. 3, 2010.
- MCLUHAN, Marshall. **The Mechanical Bride: The Folklore of Industrial Man**. New York: Vanguard Press, 1951.
- _____. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- _____. The Playboy Interview: Marshall McLuhan. In: **Playboy Magazine**, março, 1969.
- MCLUHAN, Marshall & MCLUHAN, Eric. **Laws of Media: The New Science**. Londres: University of Toronto Press, 1988.
- MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.
- PEREIRA, Vinícius Andrade. **Estendendo McLuhan: da Aldeia à Teia Global**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SHIRKY, Clay. **Cultura da Participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- TRINTA, A. R. **Explorations e probes ou encontrando McLuhan**. In: 100 anos de McLuhan.
- SOUSA, Janara; CURVELLO, João & RUSSI, Pedro (org). Páginas 40-55. Brasília, DF: Casa das Musas, 2012.